

Morfogênese.

(Fotografische Akademie, Bielefeld, 8/4/88)

O pretexto destas reflexões é o prêmio David-Octavius-Hill, concedido ao fotógrafo Joan Fontcuberta, para cujo livro "Herbarium" escrevi texto introdutivo. No entanto, meu propósito hoje é diferente daquele que me moveu ao escrever o texto mencionado. O trabalho de Fontcuberta consiste em imaginar formas botânicas, (e ultimamente zoológicas), "impossíveis" na natureza, e em fotografar tais formas. Ao fazê-lo, Fontcuberta produz "documentos falsos", e isto é interessante de um ponto de vista epistemológico: trata-se de ironizar a documentação científica, e, mais geralmente, o conceito de verificação no processo do conhecimento. Foi disto que tratei no meu texto. Mas Fontcuberta propõe problema ainda mais sutil: o das "formas impossíveis". Procurarei tratar disto.

Ao refletirmos sobre a variedade de formas, "sob" as quais os objetos do mundo aparecem, é muito difícil para nós assumirmos a posição dos Antigos. A Antiguidade vivia em mundo incomparavelmente mais restrito no tempo-espaço que o mundo nosso. A extensão espacial do mundo se media em milhares de quilômetros e a temporal em milhares de anos. Por isto, o homem, habitante da zona "metro-segundo", podia servir de medida para todas as coisas. Ora, em tal mundo anthropo-"mórfico" as formas se apresentavam muito mais estáveis que seus conteúdos: as vacas, as flores, as casas e as roupas surgiam e desapareciam, mas suas formas eram sempre as mesmas. Por certo: os artesões podiam variar formas, (podiam fabricar vasos em formas novas), mas ao fazê-lo estavam como que utilizando formas até agora não aproveitadas em barro. A imagem que se impunha em tal situação era esta: há, em algum lugar, armazém de formas, e alguém, (um artesão humano ou transhumano), retira tais formas do seu armazém para enchê-las de conteúdo. A consequência de tal imagem era que quem estiver interessado em conhecer o mundo deverá concentrar-se sobre as formas duráveis e desprezar o conteúdo informe e passageiro. O interesse pelas formas duráveis, (a "theoria"), caracteriza o pensamento antigo, e continua a caracterizar até hoje o pensamento dito "formalista".

Mas nosso mundo é muito mais vasto, e sua duração deve ser medida em dezenas de bilhões de anos. Em tais ordens de grandeza as formas se revelam tão pouco duráveis quanto os conteúdos. As formas das casas e das roupas estão sujeitas à moda, as formas das vacas e das flores à evolução biológica, e até as formas dos fenômenos astronômicos estão sujeitas a transformações profundas. E há mais isto: embora formas surjam e desapareçam, há tendência geral para o progressivo desaparecimento de todas as formas, e para a transformação do mundo em mingau informe. Eis a razão porque, em vez de dizermos "forma", preferimos dizer "informação", para sugerir que se trata de algo que incide, se dilui e será esquecido. Não se pode dizer que nosso conceito "forma" se tenha tornado dinâmico, (como o sugere o termo "morfogênese"), mas deve dizer-se que o conceito se tornou mole, (difícilmente definível e distinguível do conceito "conteúdo"). Em vez de dizer que os objetos aparecem "sob" formas, somos obrigados a dizer que aparecem enquanto formas. Curiosa virada: não mais "aparência e forma", mas agora "aparência igual a forma".

É neste contexto que devemos colocar a pergunta: Que significa "forma impossível"? No contexto antigo, a resposta era fácil: Todas as formas possíveis e imagináveis estão armazenadas no depósito "transcendente", e o que não estiver no depósito é forma impossível, por não ser forma. Por exemplo: quimera com cabeça de leão e rabo de cobra, ou bicho de sete cabeças são aparências cujas formas não são observáveis mas imagináveis, e portanto estão armazenadas, e basta fazer "theoria" para descobri-las. É o que Fontcuberta estaria fazendo do ponto de vista dos Antigos. Mas no contexto atual, a resposta é mais difícil. Não adianta mais dizer que quiméricas e bichos de sete cabeças são formas armazenadas e retiradas do armazém por Fontcuberta. É preciso admitir que Fontcuberta produziu tais formas ao manipular, (variar), outras. Ora, tal admissão, que parece ser razoável, terá consequências de infernal complexidade. Por exemplo: A soma das variações em dado conjunto é calculável, o que implica em dizer que todas as variações possíveis estão incluídas no conjunto enquanto virtualidades. Fontcuberta realizou, com suas plantas, algumas das virtualidades incluídas em determinado conjunto. Mas que conjunto é este? Não é o conjunto botânico das plantas, porque tal conjunto não inclui todos os elementos usados por Fontcuberta, (por exemplo não contém ossos). As plantas de Fontcuberta não teriam surgido espontaneamente graças a variação "natural", mesmo se tivéssemos esperado por elas por bilhões de anos. Tais plantas têm formas "impossíveis" botanicamente. No entanto, juntando vários conjuntos, como Fontcuberta o fez, tais formas passam a serem perfeitamente possíveis, e se não o fossem, Fontcuberta não poderia tê-las imaginado. De maneira que, talvez, se pudessemos esperar por elas por mais alguns bilhões de anos, teriam surgido efetivamente.

Tal complexidade é infernal, se considerarmos os seguinte: A soma das variações possíveis em determinado conjunto é muito maior que a soma dos seus elementos. Por exemplo: a soma das variações possíveis dos elementos da informação genética é muito superior à soma dos átomos do mundo, e realizá-las todas exigiria tempo muito superior à duração provável do mundo. De maneira que algumas entre as virtualidades contidas na informação genética não serão jamais realizadas, e neste sentido são "impossíveis". O que Fontcuberta fez foi tornar possíveis algumas de tais virtualidades impossíveis. Mas ao dizê-lo, devemos introduzir a seguinte ressalva: Não podemos saber, aqui e agora, quais das virtualidades atuais são possíveis ou impossíveis no sentido acima, porque ignoramos a soma de tais virtualidades, e a duração do mundo. Ignoramos isto, porque, para podermos calcular isto, necessitaríamos de computador que seja maior que o mundo. De modo que talvez Fontcuberta apenas acelerou as variações, e realizou virtualidades que se teriam realizado mais tarde sem ele. Não tornou possíveis formas impossíveis, mas apenas realizou virtualidades pouco prováveis, imprevisíveis. O caso é este: quando o conceito "forma" se tornou mole, igualmente mole se tornou o conceito "possível". E o conceito "forma impossível" é pois duplamente mole. O que tem, obviamente, efeito sobre os conceitos "arte" e "criatividade". "Artista" passa a ser sujeito que cria formas impossíveis em significado duplamente mole.

O que Fontcuberta fez foi assumir determinadas formas vegetais, e tomá-las enquanto receptáculos para elementos estranhos ao conjunto botânico, para destarte poder criar formas botanicamente impossíveis. Nisto, Fontcuberta se revela herdeiro da Antiquidade: assume formas botânicas como fixas. Eis a razão porque a morfogênese por ele criada parece um tanto caricatural: trata-se de formas novas que surgem por colagem. No entanto: outra atitude perante a morfogênese botânica é possível. As formas botânicas podem ser tomadas enquanto realizações de algumas das virtualidades inerentes ao conjunto botânico, e pode-se procurar por outras virtualidades não realizadas. Tal criatividade variacional pode proceder segundo duas estratégias, inteiramente diferentes nos pontos de partida, mas convergentes. A primeira estratégia consiste em manipular a própria informação genética, tomando-a como conjunto variável, e esta é a estratégia da biogenética, que é ~~uma~~ técnica fundada em ciência da vida. A segunda estratégia consiste em manipular as formas existentes de plantas segundo as regras da evolução biológica, afim de criar formas inexistentes, e esta é a estratégia da arte sintetizante. As duas convergem, porque as formas criadas artisticamente podem servir de modelos para a biogenética, a qual pode manipular os gens segundo as imagens propostas pelo artista. Ciência e arte convergem.

As formas novas que surgem de tal atitude perante a morfogênese são "impossíveis" em sentido diferente do da primeira atitude. As de Fontcuberta são impossíveis botanicamente, mas as outras são botanicamente perfeitamente possíveis, mas impossíveis a serem realizadas pelo método do erro, que é o método da morfogênese na natureza. Em outros termos: Fontcuberta faz colagens, (coisa impossível a ser feita pela natureza), e a outra atitude faz quimeras, (coisa possível a ser feita pela natureza, mas altamente improvável). Darei, como exemplo da segunda atitude, o trabalho de Louis Bec, exemplificado no livro "Mapyroteuthis Infernalis" que realizamos juntos.

Não se trata de formas botânicas, mas biológicas, e o ponto de partida é a dinâmica que se manifesta na evolução das formas zoológicas passadas. Podemos observar em tal dinâmica tendências divergentes, e uma delas é representada pelos moluscos. Se tal tendência for extrapolada para além dos cefalópódios, vão surgindo formas que parecem inteiramente fantásticas, mas que estão incluídas na soma das variações possíveis em tal conjunto. Para fazer-se tal extrapolação podem ser usados computadores, os quais aceleram a evolução biológica, criando formas em minutos que levam milhões de anos a serem criadas naturalmente, e que possivelmente jamais podem ser realizadas. O que implica que, se assumirmos a morfogênese como ponto de partida, poderemos não apenas futurizar evoluções, mas igualmente dirigi-las.

O grande mérito de Fontcuberta foi o de ter mostrado que forma não passa de aparência, e que pode ser criativamente manipulada. É preciso tomar o seu trabalho como trampolim para pesquisas artísticas e científicas mais radicais, tais como Louis Bec está iniciando. Estamos no limiar de toda uma nova criatividade, na qual arte, ciência e técnica se confundem.